

# ATITUDES ESCOLARES DOS ALUNOS DA ESCOLA NOTURNA: AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE O ENSINO A NOITE

Josélia Saraiva e Silva  
Luís Carlos Sales  
Universidade Federal do Piauí

## INTRODUÇÃO

No cenário educacional brasileiro, o ensino noturno ministrado em escolas públicas constitui-se como uma modalidade de ensino destinada a alunos que ultrapassaram a idade prevista para concluir os estudos. Por fazerem parte da camada socioeconômica menos favorecida e tendo que trabalhar para o seu próprio sustento ou da família, tais alunos, obrigam-se a estudar no período da noite.

Talvez a característica mais marcante do aluno do ensino noturno de 1º e 2º graus seja sua condição de trabalhador, desqualificado e superexplorado ao peso de um salário vil e de uma insuportável dupla jornada de trabalho: a da fábrica, loja ou escritório e a da escola noturna.(Pucci et al,1992: 32).

Ao tratar sobre o tema escola noturna, vários autores o fazem sob a perspectiva do trabalho (e.g. Carvalho, 1994). Na visão desses autores, é o trabalho que vai “imprimir” nos alunos do horário noturno a sua característica mais marcante.

Podemos comparar a situação dos jovens estudantes trabalhadores com a situação do índio, do negro, do caipira brasileiro, que foram abruptamente arrancados de seu habitat natural e obrigados a trabalhar para outrem sob chicote. Reagem, produzem pouco, fogem quando ganhavam algum dinheiro, descansavam até que o dinheiro terminasse. Eram chamados de indolentes e, muitas vezes, lamentavam-se os patrões desses trabalhadores (...).

Essa mesma pecha de indolência, de falta de brio é atribuída ao jovem trabalhador na família, no serviço, na escola, no início de sua formação profissional.

É acusado de dispersivo... irresponsável.... rebelde... desordeiro... explosivo; de gastar o que ganha... mudar muito de serviço... faltar às aulas...; É acusado por reprovações... repetições... abandono da Escola... etc. Sua natureza tem que ser domada. Não pode ficar na rua como vagabundo, ocioso. Tem que ir *para o serviço... para a escola ...* (grifo nosso) para a Igreja... para o exército... (Pucci,1992:36).

Segundo Pucci (*op. cit.*) a escola e o serviço (trabalho) funcionam como entidades disciplinadoras desses jovens. No cotidiano do trabalho e da escola, o aluno é preparado para adaptar-se à “disciplina de um local de trabalho mais moderno”.

Para Carvalho(1994:15),

As razões da existência dos cursos noturnos, bem como as de seu funcionamento, precisam ser procuradas fora da escola, já que o trabalho dos meninos e sua escolarização à noite fazem parte da presente trajetória de vida da família das classes trabalhadoras. O trabalho infantil é necessário para a reprodução social da família, e essa necessidade não pode ser satisfeita com soluções acadêmicas ou burocráticas.

Por sua vez, os cursos noturnos surgem para atender às necessidades específicas de famílias das camadas populares que precisam da contribuição financeira de seus membros para conseguirem a sua auto-manutenção. Tais membros atendem à necessidade imediata de sobrevivência dessas famílias, inserindo-se precocemente no mercado de trabalho. Em razão disso, buscam nos cursos noturnos a possibilidade de, no futuro, poderem obter condições mais favoráveis de sobrevivência.

A parcela da juventude brasileira que “tenta combinar” trabalho e estudo tem no ensino noturno a possibilidade de fazê-lo. Regulamentado pela Lei nº 9.394/96, em seu art. 4º inciso VI, que determina ser dever do Estado a “oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do educando”, essa modalidade de ensino configura-se como uma realidade bastante problemática.

(...) no período noturno, há um maior número de alunos nas séries mais adiantadas, o que se explica tanto pelo alto índice de reprovações, quanto pela necessidade de combinar trabalho e estudo à medida que a idade é maior. Outro motivo é a volta à escola como exigência formal do próprio emprego, principalmente no setor terciário. (Carvalho, 1994:45).

A escola pública, no período da noite, abriga uma clientela de alunos com um histórico escolar marcado por muitas reprovações e/ou abandono à escola. São jovens e adultos das camadas populares inseridos no mercado de trabalho ou na expectativa de inserção, que buscam recuperar a oportunidade de se escolarizarem para, no futuro, alcançarem melhores condições de sobrevivência, através da melhoria profissional.

No senso comum, o ensino noturno é apreendido como um “estudo mais sacrificado”, onde o conhecimento (aqui entendido como os conteúdos das disciplinas ministradas) é pouco trabalhado e as exigências são menores, pois não há como exigir dos alunos que trabalham um maior empenho nos estudos(Carvalho,1994:14).

O valor da escola noturna para parte da população brasileira parece ser o de uma entidade que reconhece o esforço desenvolvido por esta população de baixa renda e que a promove a postos superiores na hierarquia salarial, através de uma conjugação entre escola-trabalho, este corroborando para manter no indivíduo uma disciplina que a escola não pode estabelecer, mas que agora dela usufrui para determinar os limites a serem atingidos por seus alunos. É comum ouvir-se, entre a população de baixa renda, a idéia de que “o ensino garante o futuro”, mas para os alunos-trabalhadores esse futuro está muito próximo. O ensino fundamental incompleto o mantém no posto de trabalho onde se encontra atualmente; o ensino fundamental completo pode significar a possibilidade de um salário maior em um emprego melhor. Esse nível de consciência é destacado por Pucci, em sua pesquisa sobre os alunos trabalhadores do ensino noturno no município de São Carlos, São Paulo, ao afirmar que:

Apesar da exploração de seu trabalho, da violência que perpassa suas relações sociais, eles continuam acreditando na vida, em si mesmos, e nas possibilidades de melhorar sua situação. Assim, em relação à questão sobre se viam

possibilidades de melhorar na vida, 84% responderam que sim, e a grande maioria aposta em si mesma: 'estudando'(43%), 'trabalhando' (30%), 'esforço próprio'(13%). (1992:41).

Conclusões semelhantes podem ser encontradas em um estudo realizado pela equipe de supervisores do ensino noturno da Rede Municipal de Teresina, sob a orientação e assessoria da Professora Telma Ferraz Leal (DEFE/UFPI), que buscou analisar o fenômeno educacional da escola noturna. Nesse estudo, concluído em 1995 e cujos resultados foram divulgados sob o título: "Avaliação do Ensino Noturno da Rede Municipal de Teresina", os alunos pesquisados avaliam que a escola poderá ajudá-los a adquirir mobilidade social e a encontrar melhores empregos (1995:96). Seriam apenas estes os motivos que provocariam a ida ou a permanência desses jovens na escola noturna?

Em seus estudos sobre os estudantes-trabalhadores no Estado de São Paulo, Carvalho (1992) constata que a história de vida escolar desses alunos mostra a clara relação entre ensino noturno e reprovação. "O período noturno é considerado pelos professores como um curso 'fraco'. Há professores que disseram textualmente que alunos do diurno pedem para estudar à noite 'porque se estuda menos'(p.53-54). Tais estudos demonstram que, mesmo considerando os cursos noturnos mais fracos, os alunos do ensino noturno esperam muito da escola. Atribuem a ela o poder de modificar suas vidas, justificam o esforço a que se submetem com a possibilidade de mudança em sua situação de existência.

No estudo realizado pela SEMEC, em Teresina, constatou-se que, dos alunos matriculados no período da noite, 34,72% possuem emprego fixo, 18,75% possuem emprego não-fixo e apenas 31,25% dos alunos não trabalham. A clientela das escolas noturnas da rede municipal de ensino em Teresina apresenta, segundo os dados da pesquisa já mencionada, uma faixa etária média entre 17 e 20 anos. Sendo que a parcela mais jovem dessa clientela encontra-se nas séries finais do Ensino Fundamental. São, em suma, jovens, trabalhadores, solteiros, com renda familiar menor que três salários mínimos, que moram com a família e dividem com esta suas despesas. Estes estudantes têm uma experiência de vida bastante conturbada, são adolescentes que não vivem plenamente a sua condição de adolescente, pois têm muitas responsabilidades. Essa situação adversa é enfrentada com uma tentativa de valorizar as conquistas que poderão advir deste esforço. É o que nos relata Célia Pezzolo de Carvalho:

A atitude tomada, em geral, é valorizar o esforço, ligando-o a um objetivo que poderá, talvez modificar a situação de vida. Apegam-se aos quase provérbios do tipo 'quem estuda tem o futuro na mão', repetindo-os freqüentemente e não se detém muito nos inconvenientes de sua prática escolar, pois apesar do cansaço e das reprovações, continuam estudando, ano após ano.

Essa aceitação assume forma fatalista, pois não questiona as dificuldades, sendo transformada por alguns alunos:

'...são noites magníficas, cada dia uma amizade nova, enfim são noites não só magníficas, mas também importantíssimas.'

Empregada doméstica, talvez o fato de ser considerada estudante a faça sentir-se mais 'igual' aos outros do que na casa dos patrões. Como ela, outras domésticas transformam a escola em fonte de alegria(...)

Mesmo quando não gostam de estudar, idealizam uma convivência e é esse convívio que faz gostar da escola(...)

Em várias respostas, parecem tentar minimizar o esforço através de uma resignação alegre. Ouvindo-os e sabendo das condições desfavoráveis que enfrentam é possível supor que tais atitudes encubram uma atitude de defesa. Para evitar humilhações, preferem dizer que gostam do período noturno, dos professores, das aulas, e que até conseguem auxiliar os mais necessitados.

Por outro lado é possível que as representações positivas a respeito da convivência e da amizade desfrutada no período noturno retratem uma situação real e não permaneçam totalmente ao nível da idealização. (1992: 58-60)

Essas duas formas de analisar o comportamento manifesto dos estudantes do ensino noturno parecem bastante importantes. Para melhor compreender essa questão, faz-se necessário verificar dois elementos básicos na caracterização do aluno noturno: a faixa etária em que este se encontra, assim como sua condição social. Esses dois aspectos explicariam (revelariam) esta contradição encontrada nas pesquisas, neles estão implícitas as necessidades de descoberta do mundo, inerentes à condição de jovem, limitadas pelas condições materiais que se lhes apresentam disponíveis devido a sua posição social e econômica desfavorável.

Os relatos das pesquisas sobre o ensino noturno, mencionados anteriormente, têm demonstrado, também, que, para os alunos da noite a escola representa ascensão profissional, entretanto, na pesquisa realizada pela SEMEC/UFPI, quando os estudantes manifestaram-se sobre a profissão que

gostariam de exercer, as cinco mais desejadas, dentre as 31 citadas, foram: professor(15,17%), secretária(6,94%), enfermeira(6,94%), mecânico(5,55%) e motorista(4,86%). Observa-se que, das profissões citadas pelos alunos, três podem ser exercidas por pessoas que tenham como escolaridade máxima o Ensino Médio (professor, secretária e enfermeira) e às outras duas profissões apenas o Ensino Fundamental seria suficiente. E, nesta mesma pesquisa, quando perguntados se conseguiriam alcançar a profissão desejada, apenas 45,14% dos entrevistados responderam afirmativamente. Sabe-se que é comum entre os jovens acreditarem no futuro, por que então mais da metade dos alunos do noturno (em sua maioria adolescentes e jovens) não acreditam que conseguirão atingir seus objetivos?

Estes números podem demonstrar uma visão realista dos estudantes acerca da situação socialmente desfavorável em que se encontram, mas podem também demonstrar uma falta de confiança no conhecimento (estudo) que estão adquirindo no ensino noturno, ou ainda uma falta de confiança em si mesmos. As pesquisas demonstram que há uma contradição; ao tempo em que o aluno diz acreditar que a escola é o passaporte para uma vida melhor, ele, embora estando na escola, não acredita que conseguirá alcançar a profissão desejada, mesmo que esta signifique apenas alguns poucos anos a mais de estudos. Esta realidade vivenciada por esses alunos seria advinda da falta de confiança na escola noturna como articuladora de conhecimentos que lhes possibilitem competir igualmente com os demais estudantes? Quais significados teriam a escola para estes alunos?

Estas são questões complexas, pois envolve toda a vida escolar desses estudantes, a forma como a realidade da escola foi construída por eles. Nesta construção da realidade, misturam-se as dimensões individual e coletiva. Para compreender esta construção, pode-se buscar argumentos nas várias ciências que tentam explicar os fenômenos educacionais. Assim, ciências como a Psicologia, Sociologia, História, Economia, Antropologia, Política e a Pedagogia apresentam teorias e conceitos que podem nos auxiliar nesse estudo. Acredita-se, entretanto, que essa complexidade do fenômeno educacional é melhor abordada por teorias que busquem uma interação entre as múltiplas dimensões do processo educativo. Neste sentido, Lins & Santiago observam:

A necessidade da análise da realidade como construção e a consideração de que ela não possui um único registro: não é apenas a dimensão objetiva, consciente, individual e material: mas é também a subjetiva, inconsciente, social e simbólica,

portanto complexa; aparece em contraposição ao modelo tradicional de análise e interpretação da realidade social; ao levar em conta a complexidade do real para só assim tentar a formulação de explicações mais próximas, gerou teorias e conceitos atentos a suas diversas faces, é nessa perspectiva que a teoria das representações sociais está inclusa.(1999: 2).

Analisar a escola noturna sob a perspectiva da teoria das representações sociais significa reconhecer a escola como instituição vinculada a um contexto sociohistórico e às práticas escolares como construções ou produtos das transformações culturais ocorridas na sociedade, mediante o seu processo de desenvolvimento histórico (político, econômico e social). Significa, ainda, poder analisar como a sociedade absorve, reproduz, transforma, traduz, ou seja, vivencia o fenômeno educacional. Segundo Moscovici, as representações sociais “possuem uma função constitutiva da realidade, da única realidade que conhecíamos por experiência e na qual a maioria das pessoas se movimenta. Assim, uma representação social é, alternativamente, o sinal e a reprodução de um objeto socialmente valorizado”.

Entende-se que a escola noturna municipal possa ser valorizada pela sociedade. Busca-se compreender de que forma ocorre esta valorização. Neste sentido, a análise realizada através da teoria das representações sociais parece ser a mais adequada, pois a construção das representações sociais acompanha o movimento de transformação social ao longo da história. O registro dessas representações hoje contribui para o entendimento de sua formação e aponta para possibilidades de transformações futuras. O seu desvelamento pode também auxiliar na explicação dos graves problemas do ensino, especificamente, a evasão e a repetência, em parte, causadores da distorção idade/série e da diminuição da auto-estima dos jovens e adultos.

Segundo Alda Judith Alves-Mazzotti, o fracasso escolar das crianças das classes desfavorecidas, juntamente com o papel da escola na ruptura do ciclo de pobreza, é hoje uma preocupação dominante no campo da educação(1994:60). Esse fracasso, citado por Alves-Mazzotti, é um dos fatores geradores da clientela de jovens e adultos para o ensino noturno, principalmente em Teresina, onde, segundo a pesquisa da SEMEC, 69,44% dos estudantes do noturno iniciaram seus estudos com idades entre 03 e 10 anos. E hoje, com média de idade variando entre 17 e 20 anos, tais estudantes, encontram-se ainda matriculados no Ensino Fundamental. De

acordo com o relatório da referida pesquisa, “esse retardo, pelo que foi declarado pelos alunos, decorre das histórias de reprovação (apenas 18,05% dos participantes nunca foram reprovados) e evasão (apenas 45,14% nunca tinham evadido) que sofrem, principalmente da primeira e quinta séries”.

Ao que parece, esses jovens continuam investindo na educação ano após ano. Frequentaram a escola na idade “regular” e agora a frequentam no ensino noturno. Vale questionar o que representa essa escola, em especial a escola noturna, para estes jovens?

Para Marques (1997:65),

apesar da precoce inserção do jovem no mercado de trabalho, seja pela premência das necessidades de sobrevivência da família, seja como busca de autonomia e consumo, o mundo do trabalho não é mais uma referência central para os jovens trabalhadores. Ao buscarem a escola como forma de ‘melhorar de vida’, de ‘subir na vida’, estes jovens estão construindo nos seus interstícios situações propiciadoras de afirmação de suas identidades.

Ao realizar uma análise nesses moldes, Marques e outros autores apontam para a necessidade de compreender-se a construção desses sujeitos na esfera do cotidiano. Sob este aspecto, Alves-Mazzotti, apoiando-se em Moscovici, coloca a

necessidade de se ultrapassar o nível da constatação sobre *o que se passa ‘na cabeça’* dos indivíduos, para procurar compreender *como e por que* essas percepções, atribuições, atitudes e expectativas são construídas e mantidas, recorrendo aos sistemas de significação socialmente enraizados e partilhados que as orientam e justificam. A intenção propalada de propiciar mudanças através da educação exige que se compreenda os processos simbólicos que ocorrem na interação educativa, e esta não ocorre num vazio social. Em outras palavras, para que a pesquisa educacional possa ter maior impacto sobre a prática educativa ela precisa adotar ‘um olhar psicossocial’, de um lado, preenchendo o sujeito social com um



mundo interior e, de outro, restituindo o sujeito individual ao mundo social.(1994, p.60)

É nessa perspectiva que se insere o presente trabalho, a opção pela teoria moscoviciana é uma busca de compreensão das interações sociais cotidianas do aluno noturno como processo gerador de suas representações sociais da escola noturna.

### **A Teoria Moscoviciana das Representações Sociais**

O processo de elaboração teórica desenvolvido por Serge Moscovici, em 1961, acerca das representações sociais, sugere a sua individualização em torno de um conceito específico. Neste sentido, realiza em seu livro “A Representação Social da Psicanálise”, publicado no Brasil em 1978, uma discussão que visa diferenciar as representações sociais de conceitos estabelecidos pela Sociologia (mitos, ciência e ideologia) e pela psicologia (opinião, atitude e imagem), bem como de processos tais como a percepção e a formação de conceitos. Entretanto, nesta tarefa, Moscovici ressalta que as representações sociais possuem duas naturezas: uma psicológica e outra social.

Segundo Moscovici (*op.cit.*, p.50), as representações sociais podem ser vistas como:

sistemas que têm uma lógica e uma linguagem particulares, uma estrutura de implicações que assenta em valores e em conceitos. Um estilo de discurso que lhes é próprio. Não os consideramos como ‘opinião sobre’ ou ‘imagens de’, mas como ‘teorias’, ‘ciências coletivas’ *sui generis*, destinadas à interpretação e elaboração do real.

Considerada enquanto sistema, a atividade representativa envolve dois processos: a objetivação e a ancoragem. Por objetivação, entende-se o processo de transição dos “conceitos e idéias para esquemas ou imagem concretas”. Contribuindo para edificar o núcleo “imaginante” da representação. Através da

ancoragem, observa-se a rede de significações em torno do objeto representado e sua relação com o meio social (Moscovici, *op.cit.*, p. 289).

Na atividade representativa, os sujeitos estabelecem uma série de relacionamentos e articulações entre o objeto representado e os demais objetos presentes em seu universo interior. Este processo psíquico busca tornar familiar um objeto que está distante e, de certo modo, ausente. Nesta busca, os sujeitos estabelecem vínculos entre esses objetos, transformando-os mutuamente. Este fenômeno, Moscovici associa à natureza psicológica das representações sociais (Alves-Mazzotti, 1994, p.63).

Referindo-se à natureza sociológica das representações sociais, Moscovici observa inicialmente que as proposições, reações e avaliações que fazem parte da representação se organizam de forma diversa em diferentes classes sociais, culturas e grupos, constituindo diferentes universos de opinião (Alves-Mazzotti, 1994, p.63). Estes universos são compostos por três dimensões: a atitude, a informação e o campo de representação ou imagem.

A informação – dimensão ou conceito – relaciona-se com a organização dos conhecimentos que um grupo possui a respeito de um objeto social (...). A dimensão que designamos pela expressão ‘campo de representação’ remete-nos à idéia de imagem, de modelo social, ao conteúdo concreto e limitado das proposições atinentes a um aspecto preciso do objeto da representação. (...) A atitude logra destacar a orientação global em relação ao objeto de representação social (Moscovici, 1978, p.67-70).

Por conseguinte, as três dimensões (informação, atitude e representação ou imagem) de uma certa representação social fornecem uma panorâmica do seu conteúdo e do seu sentido. A análise destas dimensões possibilita a caracterização dos grupos em função de sua representação social. As representações sobre um dado objeto social partilhadas por membros de um grupo permitem distingui-lo dos demais. Convém ressaltar que o qualificativo social, não se refere exclusivamente às circunstâncias em que se forma a representação nem as entidades que ela reflete, mas a sua função. “Esta lhe é própria, na medida em que a representação contribui

exclusivamente para os processos de formação de condutas e de orientação das comunicações sociais” (Moscovici, *op. cit.*, p.71-77).

Considerando a função exercida pelas representações no meio social, pretendeu-se, neste trabalho, buscar a compreensão do fenômeno “escola noturna”, entre um grupo social composto por alunos das classes populares. O estudo das representações sociais, desse grupo, deve servir para caracterizá-lo como também para compreender a sua inserção no processo de escolarização das classes economicamente menos favorecidas do município de Teresina. Teve-se como objetivos de pesquisa apreender o conteúdo das representações sociais de escola noturna construída pelos alunos jovens e adultos do Ensino Fundamental; identificar o significado que esses sujeitos atribuem a escola noturna e verificar a influência dessa representação/significado na construção da auto-estima desses sujeitos.

## **METODOLOGIA**

Para efetivação do estudo proposto e atender aos objetivos citados anteriormente, utilizou-se uma metodologia quanti-qualitativa. A pesquisa teve como sujeitos 152 alunos jovens e adultos do período noturno, matriculados na 7<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup> séries do Ensino Fundamental, em três escolas públicas municipais de Teresina-PI. Fez-se a opção de trabalhar com alunos por que estes são a razão de existência das escolas noturnas. Sendo os principais envolvidos no processo, eles raramente são ouvidos quando trata-se da elaboração de planos e projetos educacionais. Muito embora sofram as conseqüências da falta de qualidade da escola pública, em particular das que funcionam no período da noite.

O município de Teresina coloca a disposição da comunidade o Ensino Fundamental, no período noturno, em 45 escolas, distribuídas pelas três zonas administrativas da cidade (centro-norte, leste-sudeste e sul), atendendo a uma demanda de jovens e adultos com idades acima de 14 anos, provenientes, na maioria das vezes, das camadas sociais mais carentes. Para realização da coleta de dados, optou-se por trabalhar com três escolas da rede municipal da cidade de Teresina. As escolas participantes desta pesquisa foram escolhidas, aleatoriamente, entre as 18 mantidas pela rede municipal que na época possuíam alunos matriculados nas séries pesquisadas (7<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup> séries). As escolas do município não apresentam, para o ensino noturno, uma uniformidade de organização e

estruturação curricular. Assim, as escolas pesquisadas possuem cada uma formas diferenciadas de organização curricular. A escola A (C.E.C. do Parque Piauí) adota a sistemática de seriação, sendo que cada série é concluída em quatro meses, um sistema semelhante ao que se convencionou chamar de supletivo. A escola B (Murilo Braga) adota um sistema misto. Existem turmas regulares, com seriação, onde cada série tem duração de um ano letivo, é o caso das 8ª séries; e turmas que cursam duas séries a cada ano, o que a escola denomina de Blocos. A escola C (Iolanda Raulino) possui a maioria das turmas em sistema de seriação, com ensino regular e duração de um ano letivo, mas adota também um projeto denominado “multimeios”, criado pela Secretaria Municipal de Educação, onde os alunos cursam disciplinas isoladas, três em cada ano, correspondendo ao conteúdo das quatro séries finais do Ensino Fundamental (5ª a 8ª séries). Nesta escola, participaram da pesquisa apenas os alunos do ensino regular noturno.

Dada a natureza complexa do fenômeno investigado, procurou-se diversificar os instrumentos de coleta de dados adequando-os às necessidades da pesquisa. Neste sentido, o acervo de pesquisas já realizadas no campo das representações sociais tornou possível eleger-se como mais adequado ao objeto de estudo, a utilização de questionários e entrevistas. A associação dessas duas técnicas permitiu uma aproximação maior do objeto de pesquisa, proporcionando um rico material de análise.

Através do questionário foram coletados dados junto aos 152 sujeitos da pesquisa. O questionário foi composto por 18 perguntas fechadas e semi-abertas (mistas), constituindo-se numa primeira aproximação ao complexo mundo da subjetividade dos sujeitos, numa tentativa de captar opiniões, crenças, valores etc. O questionário teve como objetivo, também, mostrar uma visão panorâmica do objeto investigado, auxiliando assim na elaboração e aplicação das entrevistas. A coleta de dados através dos questionários visou, ainda, atingir um número maior de sujeitos que não poderia ser alcançado pelas entrevistas. As entrevistas foram realizadas através de grupos focais e envolveram 22 sujeitos das três escolas pesquisadas divididos em grupos de 7 e 8 alunos. As entrevistas com os sujeitos da pesquisa tiveram como objetivo, além de preencher as lacunas de dados não captados pelo questionário, ampliar e aprofundar as informações coletadas sobre o objeto de estudo.

## ANTECIPAÇÕES DOS RESULTADOS

Como a pesquisa encontra-se em andamento, os resultados que ora se apresentam são ainda parciais. Entretanto, os dados coletados nos revelam alguns dos significados e representações que os alunos do ensino noturno atribuem ao ambiente escolar.

Os alunos possuem uma representação positiva acerca da dupla jornada de atividades (escola e trabalho) que vivenciam diariamente. Na visão dos estudantes, a escolha pela escola noturna deve-se fundamentalmente a possibilidade de conciliar essas duas atividades, pois, em termos de qualidade, a escola noturna ficaria num patamar inferior a sua similar diurna. Quando se referem ao ensino, os alunos consideram o diurno melhor que o noturno, uma vez que 43,4% deles disseram que o diurno é “ótimo” enquanto apenas 28,3% consideram o noturno como “ótimo”. Sobre o trabalho dos professores, os dados demonstram que os alunos reconhecem o esforço dos professores e até certo ponto se solidarizam com os mesmos, mas não deixam de perceber traços que refletem a deficiência na formação destes profissionais. Sobre si mesmos, como alunos, os sujeitos vêem-se como diferentes do aluno do diurno, no que diz respeito à obtenção de conhecimentos. Para 44,7% deles, os alunos do diurno aprendem mais do que os da noite. Os dados sobre como os sujeitos são vistos por seus familiares, professores e outras pessoas de seu convívio social revelam representações positivas desses grupos, em relação aos alunos do noturno. Para as pessoas do seu convívio social e para os professores, eles são “mais responsáveis” (55,3% e 44,7% respectivamente) e para a família eles são “bons alunos” (64,4%).

Os dados vêm mostrando, que a escola noturna é importante para os filhos (adolescentes e jovens) das camadas populares, pois apesar dos indicativos de que ela não garante emprego e ascensão social é do processo de escolarização, ainda que vivenciado com grandes dificuldades, que os alunos do noturno esperam adquirir competência para “vencer na vida”.

## BIBLIOGRAFIA

**ALMEIDA, A. M. de O. & COSTA, W. A. da.** Teoria das Representações Sociais: uma abordagem alternativa para se compreender o comportamento cotidiano dos

indivíduos e dos grupos sociais. **Localizado em:**  
[http://www.ufmt.br/revista/arquivo/rev13/as\\_teorias\\_das\\_repres.html](http://www.ufmt.br/revista/arquivo/rev13/as_teorias_das_repres.html). **Acesso em 02/05/2002.**

**ALVES-MAZZOTTI, A. J. Representações Sociais: aspectos teóricos e aplicações à Educação. Em aberto, Brasília, ano 14,n.61, jan/mar.1994.**

**BARDIN, L. Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1988.

**BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Educação e Trabalho. Localizado em:**  
<http://www.ibge.gov.br/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresmininos/st>. **Acesso em 09/01/2002.**

**BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Publicada no Diário Oficial da União, 23/12/1996.**

**CARVALHO, C. P. de. Ensino Noturno: realidade e ilusão.** 7. ed. São Paulo: Cortez, 1994. – (Coleção questões da nossa época, v.27)

**GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais.** In: BAUER & GASKELL(editores). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático;** tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis,RJ: Vozes, 2002.

**GOMES, R. A análise de dados em pesquisa qualitativa.** In: DESLANDES, S. F. et.al.(org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.**

**LATERZA, B. Ensino Noturno: a travessia para a esperança. São Paulo: Global, 1995. – (Coleção educação e pedagogia)**

\_\_\_\_\_. **Terceiro turno: as dificuldades de estudar (e ensinar) à noite.** Revista AMAE educando, **Ano XXVII, n. 242, abril de 1994, pp.6-11.**

**MARQUES, M. O. da S. Escola noturna e jovens.** Revista Brasileira de Educação: **ANPED, n. 5 e 6, 1997, pp. 63-75.**

**MOSCOVICI, S.** Representação Social da Psicanálise. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.

**OLIVEIRA, M. K. de.** Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. Revista Brasileira de Educação. set/out/nov/dez,1999.

**PIAÚÍ.** Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Teresina. Avaliação do Ensino Noturno da Rede Municipal de Teresina, 1995.

**PUCCI, B. et al.** Aluno do ensino noturno: um trabalhador ignorado. Educação e Realidade, Porto Alegre, 17(2): 32-44, jul/dez,1992.

**RICHARDSON, R. J.** Pesquisa social: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1999.

**SANTIAGO, M.E. & LINS, C. P. A.** Os significados da escolarização para pais e alunos da escola pública municipal. In: XIV ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL DO NORDESTE, junho, 1999. ANAIS.

**SPINK, M. J. P.** O estudo empírico das representações sociais. In: SPINK, M.J.P. (Org.) O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da Psicologia Social. São Paulo: Brasiliense, 1995.

**STRAUCH, L. M. de M.** Educação e desigualdades regionais. In: BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Brasil: uma visão geográfica nos anos 80. Departamento de Geografia, Rio de Janeiro, IBGE,1988.

**WESTPHAL, M. F.** Uso de métodos qualitativos no estudo de movimentos sociais por saúde. In: COHN, A. et.al. Pesquisa social em saúde. São Paulo: Cortez, 1992.